

Um necrófilo mau forçava as lousas
E eu — coetâneo do horrendo cataclismo —
Era puxado para aquêlê abismo
No rodomoinho universal das cousas!

* * *

O poeta, em suas altas lucubrações, ia compondo e guardando tudo na memória, como numa caixa registradora, de onde passava depois para o papel. Esse processo da criação mental era todo dêle. O que de melhor produziu foi nos momentos de angústia. Punha-se então a passear, tomado de tensão nervosa, como se estivesse em estado de transe. O mundo que o fazia sofrer abria-lhe as portas da alma para as composições de maior emoção estética. Depois que saiu da Paraíba, em 1910, sua musa empalideceu. Tudo quanto compôs a partir daquela data, além de pouco, perde muito em densidade emocional, comparado com o que produzira antes. No Pau d'Arco ou mesmo na Paraíba é que sua alma vibrava na revivescência do drama amoroso. A dor possessiva que tanto o amargurou em vida sublimou-o na mais bela criação poética, que é sem igual na nossa literatura.

* * *

O nome de Augusto dos Anjos, já velho de tanto soado por grandes e pequenos, continua nôvo para uma apreciação menos superficial. Alguns dos nossos letrados viam nêlê um portentoso engenho, que embora usando uma linguagem científica, impregnada por vêzes de putrefação, fascinava pelo arrôjo da imaginação e pela musicalidade poética. Outros o encaravam com maior estreiteza de visão, não o aceitando sequer como lírico, dados os constantes gritos de impreciação.

Agora, o poeta parece que se aproxima de nós na sua verdadeira estatura psíquica. Abre-se uma nova perspectiva para as suas mensagens de angústia, carregadas de tanta emoção. Os fantasmas que eliminara em sua criação poética eram dêle, moravam nêlê e enchiam o vazio de sua alma. Constituíam, por assim dizer, a fôrça propulsora do seu gênio criador. Sem nenhuma dúvida Augusto dos Anjos ocupa um lugar de destaque entre os maiores poetas do Brasil, pois não está ainda decidido a quem cabe o primeiro lugar.

